

Movimento civilizatório

X

movimento cultural

Outro lugar de conflito

Cecília Carvalho Meirelles

Freud se recusava a distinguir entre *cultura* e *civilização*. Mas não seria possível compreendê-las como movimentos opostos e simultâneos, sempre presentes na história humana?

Apoiando-me no estudo comparativo entre o desenvolvimento da civilização e o desenvolvimento do indivíduo efetuado por Freud, meu objetivo é investigar uma diferença importante entre o que chamarei de movimento *civilizatório* e movimento *cultural*. Este trabalho, portanto, tem como ponto de partida exatamente algo que Freud se recusou a desenvolver. Em *O Futuro de Uma Ilusão*, ele diz: "...e desprezando estabelecer entre os conceitos de cultura e civilização qualquer distinção..."¹ Certamente, ele tinha seus motivos para não se ocupar desta distinção; mas é ela que se coloca aqui como objeto de reflexão.

Através dos estudos freudianos sobre as formas de organização social, que têm como referência a psique individual, podemos compreender claramente o uso dos termos como sinônimos: o principal objetivo de Freud era circunscrever e legitimar o funcionamento do aparelho psíquico, tornando visíveis seus caracteres para o maior número possível de estudiosos da Medicina e da própria Psicanálise. Pode ser interessante, no entanto, investigar se as diferenças entre um movimento cultural

Cecília Carvalho Meirelles é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

e um civilizatório realizados pela humanidade, tal como proposto aqui, não seriam úteis para indicar outra abordagem do conflito humano.

Freud pensa a vida psíquica como um embate entre a pulsão e um adversário da pulsão. Este se determina como aquilo que a coage, a limita ou a frustra, e a tal fator tanto faz chamar *cultura* ou *civilização*. No entanto, é possível sugerir uma diferenciação entre os dois movimentos humanos, levando em conta uma outra modalidade de articulação com a pulsão, diferente da realizada por Freud. Postularei a existência de dois movimentos da humanidade: um *civilizatório* e outro *cultural*. Eles correspondem a duas tendências fundamentais da natureza humana: a que visa conservar, manter, perpetuar (civilizatória); e a que visa alterar, romper, criar (cultural).

De maneira geral, alguns de nós já devem ter sentido dificuldade nos momentos em que precisam utilizar um termo ou outro, como se intuíssemos uma diferença entre eles. Aliás, esse sentimento parece estar presente também em Freud, pois se ele achou necessário desprezar qualquer distinção, é porque ela existia e poderia ter sido levada em conta. Os tradutores para o espanhol da obra freudiana utilizam o termo *cultura* no título "O Mal-Estar na Cultura". Já os tradutores de língua portuguesa optaram por "O Mal-Estar na Civilização", e fizeram o seguinte esclarecimento: "...parece desnecessário empenharmos no enfadonho problema da tradução correta da palavra "Kultur". Via de regra, ainda que não invariavelmente, optamos por "civilização" para o substantivo e "cultural" para o adjetivo."² Meu objetivo não é questionar as traduções realizadas, mas sim apontar a possibilidade de distinguir os dois movimentos, avaliando-os de forma a reintroduzi-los na reflexão psicanalítica de outra maneira. Optei pelos termos "civilizatório" e "cultural", para desi-

gnar os movimentos propostos, motivada por uma idéia pessoal: a cultura seria o conjunto de produções mais específico e criativo de um povo, aquele que lhe é próprio e por isso o caracteriza de forma singular. Já a noção de civilização sempre me remeteu ao que é mais abrangente e genérico, dizendo respeito ao universo global das realizações humanas. Mas antes de prosseguir nesta linha de reflexão, parece-me importante re-

O desenvolvimento do indivíduo seguirá o mesmo percurso. O ser humano deve, aos poucos, ir estruturando um aparelho psíquico capaz de dar conta das suas exigências pulsionais e da necessidade de conviver com os outros. Nesse árduo trabalho, o sujeito vê-se colocado diante de duas prioridades em seu desenvolvimento: a do Princípio de Prazer, que busca satisfação e que é seu principal objetivo; e a

Levando em conta uma outra articulação com a pulsão, é possível sugerir uma diferenciação entre civilização e cultura.

ver brevemente as concepções freudianas a este respeito.

A conhecida hipótese de *Totem e Tabu* - o parricídio original e a devoração do pai, com a conseqüente aliança dos filhos e com o surgimento do remorso e da culpa — vem configurar a noção de conflito permanente que permeia a concepção psicanalítica da vida humana. A convivência em grandes grupos exige que a humanidade contenha seus impulsos, através do estabelecimento de regulamentos e de leis que restrinjam a liberdade de cada indivíduo. Estas leis são o essencial da civilização/cultura, na perspectiva de Freud, e por isto ele não precisa distinguir os dois termos. O homem civilizado trocou uma parcela da satisfação de realizar seus desejos por uma parcela de segurança e garantia. Para a sociedade, o essencial é unir libidinalmente os indivíduos em grupos cada vez maiores, em torno das mesmas propostas e dos mesmos objetivos, e deixar em segundo plano a satisfação isolada advinda da descarga imediata da tensão pulsional.

da civilização/cultura, que busca a inserção dele numa comunidade, e tem como função impor restrições aos impulsos para garantir a perpetuação da espécie (e portanto, indiretamente, do próprio indivíduo).

Em "O Mal-Estar na Civilização", Freud faz uma alteração em sua doutrina das pulsões e afirma a pulsão de morte como pulsão de destruição, ou seja, uma inclinação agressiva autônoma e originária no ser humano. A ela se opõe a pulsão de vida, que passa a englobar as que na primeira teoria, eram divididas em pulsões sexuais e pulsões do ego. Agora a pulsão de morte é definida como esforço insistente para destruir; a pulsão de vida - ou Eros - agiria no psíquico de forma a alcançar a reunião libidinal dos homens, e assim *manter*. A pulsão de morte seria a ameaça contra a ação unificadora e mantenedora da pulsão de vida. Neste caso, as pulsões, com seus vetores antagônicos, deverão ser moderadas, domadas, e quando possível inibidas em sua finalidade, através do trabalho do aparelho psíquico (principalmente

do superego). No que se refere ao desenvolvimento da humanidade, o conflito está entre as liberdades individuais autônomas e a civilização/cultura, que impõe sacrifícios tanto à sexualidade como à agressividade humanas.

Uma categoria de pulsão - e dois movimentos na civilização

Seguindo o pensamento freudiano, veremos a humanidade percorrendo seu caminho histórico graças ao estímulo de Eros em reunir e unificar os homens libidinalmente, *apesar* dos estímulos opostos da pulsão de morte. A agressividade é aí entendida, claramente, como o maior estorvo à civilização ou cultura. Ela agirá no psíquico de forma a desfazer o que Eros reuniu. A partir daí, surgiu em mim uma inquietação: o que faz com que a humanidade altere e mude o *status quo* rumo à evolução e ao aprimoramento, se Eros interferirá sempre para manter e conservar as coisas como estão? O que faz mudar, sem necessariamente destruir malevolamente? O que poderia ser responsável por uma construção ao mesmo tempo *transformadora e estabilizadora*?

Para tentar responder a esta pergunta, gostaria de explorar a seguinte hipótese: *a humanidade se desenvolve e avança através de um processo coletivo denominado Civilização, que inclui os avanços das produções artísticas, intelectuais e sociais. Este processo é composto por dois movimentos antagônicos, ora alternados no tempo, ao quais denomino "civilizatório" propriamente dito e "cultural".* O movimento civilizatório é responsável pela manutenção e estabilidade de etapas do processo; e o movimento cultural, pelas transformações e alterações de etapas cristalizadas do processo. Para desenvolver esta reflexão me apoiarei no pensamento de Garcia-Roza, exposto em seu livro *O Mal Radical em Freud*.

Segundo ele, a dualidade humana não reside na oposição de duas pulsões, uma de vida e outra de morte. A dualidade se apresenta pela existência de uma oposição entre *pulsão e aparelho psíquico*. A diferença marcante com relação à teoria de Freud se encontra na admissão de somente uma espécie de pulsão, e no modo como ela se articula no psiquismo. No que se refere ao aparelho psíquico, o autor

Que fatores poderiam ser responsáveis por uma construção ao mesmo tempo estabilizadora e transformadora?

mantém os caracteres e o funcionamento que Freud lhe atribuiu.

A pulsão é um conceito psicanalítico na fronteira entre o anímico e o somático. Ela tem como fonte o corpo ou um órgão do corpo, de onde provém a excitação. Não nos é possível apreendê-la nela mesma, diz Garcia-Roza, pois, como pura potência indeterminada, só pode ser apreendida através de seus representantes. Portanto, podemos tratá-la como uma potência ou um esforço que estaria por trás do aparelho psíquico, e que se apresenta para nós somente como resultado de um amálgama, indissociado de seus representantes. Por seu lado,

em si mesma, a pulsão não possui ordem alguma, e tampouco juízo de valor. Somente a partir de uma situação estruturada o homem pode situar suas necessidades, e elas sempre dirão respeito à exigência de satisfação. A satisfação pulsional só pode ser obtida pela eliminação do estado de estimulação na fonte, e este é um processo somático interior ao próprio organismo; quando tratamos da satisfação de uma necessidade psíquico-emocional, esta já diz respeito a outro registro. Só poderemos perceber a satisfação quando ela se encontra relacionada ao objeto. E tendo em vista que a pulsão não tem objeto próprio - este pode ser qualquer um - então seu objeto ocasional será oferecido pela fantasia. Mas, se se trata de fantasia, isto já implica na submissão da pulsão à articulação significante; já implica numa ordenação, numa construção, que desliza e se altera constantemente. Segundo Garcia-Roza: "O sexual é a forma ou a determinação que a pulsão vai receber, e não o atributo da pulsão ela mesma. Enquanto pura potência, a pulsão é vazia de forma, de sentido, não é nem sexual nem agressiva, nem de sociabilidade, mas pulsão, pura e simplesmente. Quando distinguimos "pulsão oral", "pulsão anal", "pulsão fálica", "pulsão escópica", etc., o que estamos fazendo é apontando a diversidade das fontes pulsionais e não estabelecendo uma diferença qualitativa com respeito às pulsões elas mesmas."³

Voltemos à minha hipótese a respeito da existência de dois movimentos diferentes, o *civilizatório* e o *cultural*, no interior do processo coletivo humano. O movimento conservador e mantenedor é determinado pelo desejo de reprodução do mesmo. Lembremos o que afirma Freud: "Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta

para abandonar uma posição antiga por outra nova.⁷⁴ A libido (energia sexual) segue rumo à satisfação, e quando a obtém inclina-se a conservá-la. Isto porque o aparelho psíquico, tendo como referência a primeira experiência de satisfação, produz uma ação específica cujo objetivo é sempre reproduzi-la. Mas, como afirma Garcia-Roza, ele é regido pelo Princípio de Prazer, cuja função, além de buscar a satisfação, é também impedir que o desejo seja totalmente realizado, ou seja, manter irredutível a distância entre o prazer e o gozo. Nesse sentido, a ação da pulsão (aqui entendida sempre como esforço disruptivo) seria o fator que altera a continuidade da tendência libidinal. A pulsão entendida como um princípio (e não como uma tendência) nos permite afirmar seu esforço de criação, sempre como vontade de recomeçar. Ela é a responsável por quebrar as uniões permanentes, e sendo assim garante a existência das diferenças sem as quais o sujeito e o desejo desapareceriam.

mentos mútuos entre os homens. Vimos, através da hipótese freudiana sobre o mito da horda primitiva, que a sociedade começou para impedir que os relacionamentos ficassem à mercê da vontade arbitrária do indivíduo, correndo o risco de ficar submetidos a *um* homem mais forte. A vida em comum só é possível quando reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado, e mantém a união contra todos os indivíduos isolados. Para que isso aconteça, os membros da comunidade restringem suas possibilidades de satisfação individual. De maneira genérica, não é este pressuposto que está em discussão neste artigo. Parece já bem aceito que tanto a humanidade quanto o indivíduo estão submetidos a alguma espécie de renúncia, ou seja, é a própria interdição que nos constitui como humanos, e é ela que constitui a própria civilização/cultura.

A reflexão que se coloca agora, no entanto, gira em torno de um deslocamento da discussão realiza-

reproduz coletivamente aspectos fundamentais da experiência psíquica individual. A Civilização exige dos grupos abrir mão de uma parcela de satisfação (que já vimos ser algo inerente à humanidade), mas, segundo minha hipótese, no decorrer de sua construção os grupos seguem diferentes percursos, que expressam *diferentemente* o desejo coletivo, sempre influenciado pela pulsão. Nesta perspectiva, a humanidade constrói sua história ao longo dos anos através da expressão de dois movimentos: o que visa acumular e conservar os elementos conquistados no processo (Civilização) e que para tanto inibe a finalidade pulsional de superar a monotonia; e aquele que visa dissolver as cristalizações, portanto promove alterações e criações, e se apresenta influenciado mais intensamente pela pulsão, no sentido apontado por Garcia-Roza. Proponho, a partir disso, que esses movimentos se referem basicamente ao trabalho egóico do grupo, na medida em que este opera os investimentos libidinais: sua posição é a de mediador entre as estimulações do mundo externo, os desejos do id e as exigências superegóicas. O sujeito-grupo sempre tentará obter satisfações que alimentem seu amor-próprio: ora agindo no sentido da realização de um ideal de si mesmo que almeja uma perfeição narcisista (movimento *civilizatório*); ora agindo no sentido da realização de um ideal projetado para si, mas que pressupõe a confrontação com a realidade e investimentos em outros objetos que não só o seu próprio ego (movimento *cultural*).

Freud já apontava que o desenvolvimento do ego promove um afastamento do narcisismo primário, o que acarreta uma forte tentativa de recuperação daquele estado anterior. Neste sentido, o movimento civilizatório diz respeito a ações grupais que almejam conservar o estado ideal do grupo exatamente na forma em que está, ou seja, permanecer

A pulsão entendida como princípio nos permite afirmar seu esforço de criação, sempre como vontade de recomeçar.

Se o ser humano persistisse em apenas conservar e nada alterar, sequer conseguiria sair do estado inicial de narcisismo original, estado indiferenciado e anterior até à constituição do eu. Por outro lado, sabemos da importância da preservação, principalmente no que se refere à perpetuação da espécie. O processo de Civilização pressupõe a regulamentação dos relaciona-

da por Freud, na medida em que investiga as formas possíveis de movimentação do coletivo dentro do processo de Civilização. Minha proposta não oporá pulsão e Civilização, mas sim dois movimentos coletivos divergentes no bojo da Civilização. *A coletividade (grandes grupos) é aqui o sujeito.* Acredito ser possível investigar esse tema partindo da idéia de que a humanidade

no estado imaginário de perfeição. Diferentemente, o movimento cultural diz respeito a ações grupais que alteram o narcisismo primário do grupo, na medida em que pressupõem o re-direcionamento de seus investimentos para a realidade, quer seja interna - pela reavaliação do ideal de si mesmo - quer seja externa. Sendo assim, para que ocorra o desenvolvimento de um povo, é preciso que aconteça uma nova ação, estimulada pela pulsão; ela se faz necessária a partir do momento em que o processo como um todo corre o risco de estagnar, de perder a capacidade criativa, e até de sucumbir.

Com o propósito de prosseguir minha reflexão de forma mais esclarecedora, selecionei dois momentos históricos, através dos quais surgirão novos pontos a serem abordados. Distantes no tempo e no espaço, eles me auxiliarão nesta investigação que visa compreender aspectos tão complexos da experiência humana.

A seita dos essênios e o judaísmo rabínico

A partir da descoberta do Manuscritos do Mar Morto, os estudiosos parecem ter chegado ao consenso de que os autores e copistas destes manuscritos eram da seita essênica, uma facção religiosa do povo judeu surgida no século II A.C. A maioria de seus integrantes vivia em uma comunidade em Qumran - região de montanhas próxima ao Mar Morto - seguindo uma rígida organização, com severas regras para admissão e penalidades bem definidas para os transgressores das leis do grupo.

A ordem dos essênios pode ser descrita como separatista no sentido radical, pois consideravam-se os únicos verdadeiros filhos de Israel. Conseqüentemente, cultivavam grande hostilidade em relação a seus outros compatriotas - fariseus (que dominavam Jerusalém) e saduceus - no que eram correspondidos por estes últimos. A ordem essênica

encontramos uma, que selecionei como referência para poder desenvolver uma parte da reflexão proposta. No Pentateuco estão as regras de limpeza ritual. Elas dizem respeito a leis e proibições higiênicas aplicáveis, uniformemente, na cidade de Jerusalém e nos acampamentos no deserto. Vejamos o que diz um dos estudiosos dos

Manuscritos: "Em Deuteronomio 23:12-14, vemos que haverá um lugar fora do acampamento, no deserto, para a defecação. Para os essênios, essa injunção se aplicava literalmente a toda a cidade de Jerusalém, constando no Pergaminho do Templo a proibição de se construir sanitários na cidade: 'Construireis um lugar para as mãos (um sanitário) fora da cidade, para onde eles irão... três mil cúbitos (além da cidade), de modo que não seja visível da cidade.'" Como

três mil cúbitos excede o limite permitido para se andar no Shabat, os essênios que viviam em Jerusalém não podiam se dirigir às latrinas no sétimo dia, e portanto tinham de se abster de aliviar as necessidades, naquele dia.⁵

Outros judeus, chamados "judeus reformistas", deram interpretações diferentes a algumas destas regras, de forma a abrandar a severidade das restrições. Este é um exemplo no qual podemos observar as diferentes tendências seguidas por um grupo e outro. De acordo com os historiadores, o judaísmo farisaico manteve seu desenvolvimento sob a denominação "judaísmo rabínico", e caminhou até os dias de hoje. Por outro lado, a seita essênica praticamente desapareceu após a tomada da Palestina pelos romanos. O judaísmo daquele período (de II A.C. até 70 D.C.), também conhecido como judaísmo

O movimento civilizatório diz respeito a ações grupais que almejam conservar o estado ideal do grupo exatamente na forma em que existe.

baseava-se na preservação das leis contidas nos antigos escritos, e não aceitava a influência de outros povos em suas condutas religiosas. Aquele período foi marcado pelo avanço helenístico em direção ao povo judeu, e o intercâmbio com os gregos acabou gerando uma reavaliação de muitos aspectos do judaísmo.

Os sacerdotes essênios esperavam com fé a intervenção divina para legitimar a sua causa, e procuravam nas Escrituras as profecias sobre o final dos tempos, quando seriam reinstalados em Jerusalém. Segundo sua visão apocalíptica, bastava ler as profecias bíblicas com a compreensão concedida ao intérprete inspirado para saber os segredos contidos nos testemunhos dos profetas sobre os últimos dias.

Dentre as várias observâncias exigidas de todos os essênios, em um dos livros descobertos, denominado "O Pergaminho do Templo",

do Segundo Templo, pode ser encarado como um período de transição, no qual o sectarismo e a crença no apocalipse gradualmente foram dando lugar por um lado ao judaísmo rabínico e por outro ao cristianismo. E ainda assim, afirmam os estudiosos, alguns aspectos tradicionais das seitas e dos grupos apocalípticos foram incluídos no judaísmo rabínico posterior à destruição do Templo.

Vejo, através deste relato, a possibilidade de avaliar a postura escolhida pelos essênios como conservadora, equivalendo portanto ao que estou denominando *movimento civilizatório propriamente dito*. Em contrapartida, o movimento referente ao judaísmo rabínico seria *cultural*, na medida em que expressa a disposição grupal às reformulações necessárias para garantir sua continuidade histórica, e garantir ao mesmo tempo a manutenção de suas bases religiosas fundamentais ao longo dos séculos. Diria que os essênios optaram por uma linha marcadamente narcísica, na medida em que escolhem investir maciçamente em sua auto-imagem: consideram-se como os únicos verdadeiros filhos de Deus. Imaginariamente, o grupo crê que, preservando ao máximo as prescrições que revelam o desejo de Deus, será recompensado; ou seja, não perderá Sua bênção, e assim reencontrará o objeto perdido numa grande união final. O medo de perder o amor e a proteção de Deus provoca a angústia, o que obriga os essênios a renunciarem ao que se origina na pulsão disruptiva. Cada renúncia alimenta, por sua vez, a consciência moral, tornando-a mais severa e intolerante, o que provoca novas renúncias. A intolerância superegógica determinada pelo ego ideal do grupo é, portanto, expressa pelo *movimento civilizatório* que visa conservar as coisas como estão, e conseqüentemente vai contra qualquer tipo de mudança, de quebra, de alteração. Estando o

ego (coletivo) essênio intensamente investido pela libido narcísica, o grupo se nega a investir outros objetos, que a seu ver se distanciam do objetivo do ego ideal. Todas as reformulações realizadas pelos fariseus sugerem ao essênios a ameaça de perda das bênçãos de Deus. As conseqüências deste movimento podem ser avaliadas, portanto, como a causa principal da morte do grupo, isto é, a extinção da seita essênia.

Podemos perceber que os essênios fazem uma inversão na noção de transgressão: para eles os transgressores eram os reformistas. Para nós, os reformistas representam exatamente a aceitação da perda da situação ideal desejada, ou seja, a possibilidade de não-transgressão pela alteração da forma narcisista primária. Cabe salientar que todas as ações hostis postas em movimento pelos essênios têm como meta garantir a manutenção do *status quo*. A hostilidade visa muito mais evitar a interferência dos reformistas em seus rígidos estatutos do que alterar e renovar as produções conquistadas pelo processo denominado Civilização. Na verdade, esta seita permaneceu por dois séculos mantendo e conservando regras, e evitando qualquer tipo de reformulação que desse andamento possível ao processo de Civilização, ao longo da História. Em contrapartida, a seita farisaica, seguindo outra tendência libidinal, promoveu alterações criativas, e assim garantiu a continuidade de suas crenças religiosas. Desejando preservar sua fé em Deus e em seus mandamentos, ao mesmo tempo que percebendo a interferência inevitável do acaso em seu percurso, passou também a aceitar alterações que lhe dessem satisfação. Isto significa, a meu modo de ver, que a libido narcísica pode se transformar em libido objetal, voltando-se para objetos diferentes do próprio ego do grupo; a obediência às palavras dos profetas é mantida, porém adequando sua forma às novas condições históricas.

Refiro-me ao acaso como aquilo que diz respeito, por um lado, às interferências externas incontroláveis - no caso, a ação expansionista dos gregos e a conquista romana, bem como as alterações populacionais - e por outro, à pulsão, como o incontrolável e o indeterminável no interior do ser humano. Ambos os sentidos apontam para aquilo que é desorganizador em oposição ao que é organizador. Sendo assim, a libido narcísica da seita farisaica altera sua direção e se volta para outros objetos por ação da pulsão. Promove novas espécies de investimento, como por exemplo em certas idéias trazidas pelos gregos.

O movimento cultural expressa a disposição grupal a admitir as reformulações necessárias para garantir sua continuidade histórica.

Neste sentido, a diferente interpretação dada às regras de higiene aponta na direção de abrandar a severidade superegógica, que vinha, até então, exigindo algo incompatível com a comodidade do grupo. Houve uma reorganização onde couberam novos elementos, sem com isto ocasionar uma revolu-

ção nem o "assassinato" dos mandamentos de Deus; promoveram-se alterações que satisfazem às necessidades básicas do organismo, e também ao desejo de aprimoramento de seus próprios códigos de conduta religiosa. Sem dúvida ocorreram renúncias: uma narcísica, quando não seguem obedecendo ao pé da letra as palavras dos profetas; outra pulsional, quando não optam por uma mudança radical. Por um lado aceitam desobedecer um pouco o grande Pai - posto que não é possível a obediência absoluta; por outro, domesticam parcialmente o objetivo pulsional, posto que também não é possível a desestruturação total. Mas isso já está incluído no que entendo como processo da Civilização, pois, mesmo optando pelo movimento *cultural*, os fariseus se ocuparam em conservar parte do processo estabelecido. Vemos, então, que o conflito humano está sempre presentificado de uma forma ou de outra. O trabalho requerido dos homens diz respeito a como, a partir do conflito, obter prazer e preservar a continuidade do grupo. Este é o trabalho do aparelho psíquico regido pelo Princípio de Prazer, todo o tempo estimulado pela pulsão.

Os índios Tupi e os portugueses no Brasil colonial

Para contrastar com a descrição dos judeus, comentarei agora uma outra experiência histórica, desta vez no Brasil e numa época mais próxima da nossa.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, logo descobriram que a terra era ocupada por sociedades indígenas, que se caracterizavam por três aspectos dinâmicos: fragmentação e reconstituição dos grupos; papéis claramente definidos de liderança, desempenhados pelos chefes e xamãs (pajés); e importância fundamental do complexo

guerreiro na afirmação da identidade histórica destes grupos. O historiador John Manuel Monteiro conta que existiam, em grande parte do litoral brasileiro e no alto da serra de São Paulo, sociedades chamadas Tupi-Guarani, que se dividiam entre os Tupiniquim e os Tupinambá. Na região de São Paulo e cercanias, existia por volta de 1530 a aldeia tupiniquim Inhauambuçu, eventualmente denominada Piratininga, chefiada pelo grande guerreiro Tibirichá. Este foi o responsável pela

"...Essa gente tem arraigado no coração o sentimento de vingança", escreve Jean de Léry. Nóbrega, logo após sua chegada ao Brasil, observou: "E não têm guerra por cobiça, porque todos não têm nada mais do que pescam e caçam, e o fruto que toda terra dá: senão somente por ódio e vingança."⁶ A guerra motivada pela vingança implicava em que os inimigos seriam mortos durante a batalha, ou aprisionados. Alguns dias após a batalha, organizava-se uma grande festa de comemoração, na

Por um lado, os fariseus aceitam desobedecer um pouco o grande Pai; por outro, domesticam parcialmente o objetivo pulsional.

facilitação das relações entre portugueses e indígenas, autorizando a edificação de uma capela rústica e do Colégio São Paulo de Piratininga dentro de sua aldeia, e permitindo que os jesuítas catequizessem seu povo. Esta facilitação acarretou em seguida profundas crises e transformações nas sociedades tupis. A expansão européia, que a princípio parecia inofensiva e até salutar, logo mostrou-se muito nociva para os índios, determinando grande debilitação e desorganização, e, finalmente, a destruição dos Tupiniquim.

Um dos fatores que mais contribuíram para este desfecho foi a contínua ocorrência das guerras entre tribos. Seus inimigos mais comuns eram os Tupinambá, devido à proximidade das tribos. O motivo principal dos constantes conflitos entre eles era a sede de vingança. Em seu livro, John Manuel Monteiro apresenta as seguintes citações:

qual os cativos eram devorados. A trama da vingança aponta, de uma forma elucidativa, em direção aos costumes tupi. Ao definir os inimigos e reafirmar papéis dentro das unidades locais, a vingança e a guerra situavam os povos tupi em uma dimensão histórico-temporal, preservando, assim, a memória do grupo.

John M. Monteiro oferece um importante testemunho Tupi sobre este aspecto: "...os Tupinambá mais velhos relembavam aos demais índios as tarefas tradicionais a ela (guerra) ligadas: 'Nossos predecessores dizem, falando sem interrupção, uns após outros, não só que combateram valentemente mas ainda subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim honrosos exemplos; como pois podemos permanecer em nossas casas como fracos e covardes? (...) 'Não, não, gente de minha nação, poderosos e rijos mancebos, não é assim que devemos proceder;

devemos ir procurar o inimigo ainda que morramos todos e sejamos devorados, mas vinguem os nossos pais. Assim, ao que parece, a guerra indígena fornecia um laço essencial entre o passado e o futuro dos grupos locais.⁷

Sendo assim, para preservarem o orgulho de seus ancestrais, os Tupiniquim (que até este momento pensavam exatamente como os Tupinambá) promoveram uma aliança com os portugueses, na medida em que estes representavam importantes aliados para a obtenção da vitória sobre seus inimigos. Por sua vez, os europeus aceitaram com muito interesse esta aliança, tendo em vista conseguir prisioneiros que transformariam em mão-de-obra escrava para seus empreendimentos coloniais. Mas, para que essa união pudesse ser levada a termo, os Tupiniquim aceitaram não mais matar e devorar os cativos, e passaram a entregá-los aos portugueses. As constantes guerras intestinas foram portanto, no entender de Jonh M. Monteiro, um dos principais fatores para a destruição dos Tupi, pois geraram o acirramento das hostilidades entre tribos nativas, a desestruturação da organização interna de poder própria a estes índios, e posteriormente a submissão de todos os indígenas, indiscriminadamente, ao trabalho forçado e à possível condição de escravos. Por outro lado, os portugueses permaneceram na terra, predominaram sobre ela e deram continuidade ao seu processo colonialista.

O momento histórico descrito apresenta uma particularidade distinta em relação ao dos judeus. O povo português, ao dirigir-se para o novo continente, tinha como objetivo dominá-lo e explorar ao máximo as riquezas encontradas em benefício próprio. Ao se depararem com os povos nativos, viram neles um obstáculo a transpor, e por isso, se dedicaram a submetê-los às suas

metas. Lançando mão de sua experiência de colonizadores e de sua força bélica, viram seu projeto prosseguir com relativo sucesso. A religião católica teve aí uma função decisiva nas relações de dominação, pois serviu como arma para a manipulação dos índios. Todo esse movimento, a princípio *civilizatório*, visava acumular e conservar as riquezas para o povo português.

Mas algo não estava previsto: apesar de toda a resistência frente a qualquer tipo de integração com os povos primitivos e pagãos, e da tentativa de manter em relação a eles

Entre os índios
Tupi, a guerra
fornecia um laço
essencial entre o
passado e o
presente dos grupos
locais.

uma superioridade imaginária, os relacionamentos sexuais com os nativos marcaram o início da miscigenação entre os dois povos, o que determinou em parte a formação do povo brasileiro. Esse acaso - não previsto - atravessou a tendência continuísta dos colonizadores, quebrou a linearidade do processo de Civilização português, e assim passou a caracterizar o movimento como *cultural*. Este não só incluiu os aspectos raciais e tradicionais dos povos indígenas em seu desenvolvimento, mas ainda determinou o início da formação de um novo povo e de uma nova nação.

Se avançarmos no tempo, veremos o processo sofrendo novas influências quando da inclusão dos negros na constituição da população brasileira. Entendo que, a partir daí, a reflexão passaria a ser sobre os movimentos possíveis - civilizatório ou cultural - no processo brasileiro; mas neste artigo, limitar-me-ei a focalizar essencialmente os índios Tupiniquim na sua relação com os portugueses, para avaliar mais detalhadamente os dois movimentos em questão.

O movimento escolhido pelos Tupiniquim, nesta etapa de seu processo global de desenvolvimento, caracteriza-se marcadamente como *civilizatório*. Mesmo tendo eles promovido duas alterações em seus códigos tradicionais - aceitar os portugueses como amigos e não mais devorar os cativos - elas parecem dizer respeito muito mais à uma tentativa de manter um mesmo padrão do que à inclusão e aceitação de diferenças. Ao lançar mão destas alterações, o grupo desejava prioritariamente, obter a qualquer custo vitórias que vingassem seus ancestrais, ou seja, desejava intensamente o resultado referente à obediência ao pai. Mesmo que preservando somente a hostilidade de sentimentos frente aos Tupinambá, eles imaginariamente se julgavam obedientes e honrados. Essas alterações não foram determinadas pelo esforço pulsional, mas sim pela repetição egóica do mesmo, materializada nos combates travados pelo grupo.

Entendo que a ação disruptiva do acaso - chegada de estranhos e suas exigências quanto aos cativos - passou por um grande controle egóico (repressão), evitando um conflito grave com um povo forte, ao mesmo tempo que obtendo seus favores para conseguir vitória absoluta sobre todas as outras tribos. Assim, os Tupiniquim imaginavam evitar qualquer tipo de conflito, tanto em relação ao estrangeiro, quanto em relação aos seus códigos tradicionais. O grande esforço, no

caso, partiu do ego grupal; encontrando-se intensamente investido pela libido, este não desejava outra coisa senão manter sua auto-imagem de único vencedor e único filho honrado.

A ameaça que se apresentou para o ego grupal, e que provocou angústia, foi provavelmente a possibilidade de derrota absoluta frente aos portugueses e frente às outras tribos, esta gerando o sentimento de humilhação. A primeira ameaça provocaria a primeira renúncia pulsional (primeira repressão), que, por sua vez, realimenta o superego, provocando nova renúncia. Assim, pois, se o grupo logo de início já havia renunciado à ruptura através de uma união harmônica que borrou e escondeu as diferenças, promove logo em seguida com mais facilidade a segunda renúncia, relativa aos cativos. Estas ações expressam o quanto os Tupiniquim cedem de seu desejo. Entendo por "ceder de seu desejo" a ação que transfere um direito em favor de outrem - pais internalizados que

devorar os inimigos vencidos), acreditando assim preservar aquilo que lhes parecia essencial.

É desta forma que os Tupiniquim não se propõem a investir em outra coisa, mas somente naquilo que os remete à idéia de vencedores honrados. Não investem, por exemplo, em brigar com os usurpadores de sua terra e de suas tradições. Alguns poderão pensar que, mesmo se assim fizessem, seriam derrotados brutalmente pelos portugueses; tudo indica que sim. Mas o que se coloca aqui como objeto de reflexão é a *perda da identidade específica* do povo Tupiniquim. Vale lembrar que Jonh M. Monteiro aponta as guerras entre as tribos como um dos principais fatores que acarretaram sua extinção como grupos organizados no Brasil. No meu entender, a união de todas as tribos contra os estrangeiros, estes sim os maiores inimigos dos nativos, poderia ter alterado o rumo da História. Para isso, teria sido necessário um movimento *cultural indígena*, antagônico ao movi-

através da alteração no rumo libidinal de seus integrantes, na medida em que passa a incluir a satisfação sexual com os nativos e não só com os da mesma raça, como era previsto. Suponho que esta integração tenha aberto caminho para uma série de outros intercâmbios, como por exemplo com algumas tradições medicinais indígenas - utilização de ervas nativas - que se preservam até hoje. Parece-me, no entanto, que o fator mais importante para a continuidade dessa integração foi determinado pelo nascimento de filhos miscigenados. Neste sentido, os "filhos da terra" significaram a inauguração de uma nova nação, que irá se estabelecer definitivamente, quando da miscigenação com os negros africanos. Podemos perceber que, mesmo com o abrandamento da atividade repressiva do ego, liberando o investimento libidinal em uma direção diferente da que vinha vigorando, o grupo como um todo conservou muitos aspectos de seu processo de Civilização européia.

O movimento cultural seria responsável pelas renovações, e o civilizatório daria conta da manutenção dos avanços.

exigem vingança. Para manter absolutamente sua auto-imagem de vencedores honrados, eles abdicam de sua diferença, de sua especificidade. Mutilam uma parte do seu corpo de tradições (diferenças em relação ao estrangeiro, como na ação de

movimento *civilizatório* português. Mas isso seria uma outra História.

Quanto aos portugueses, já foi apontado anteriormente sua tendência ao movimento *cultural*. A interferência do acaso expressa-se para eles, predominantemente,

Os estímulos benignos da pulsão

Seria então o movimento *cultural* o principal responsável pelas renovações no processo de Civilização humana. O movimento *civilizatório propriamente dito*, por sua vez, expressaria predominantemente outro desejo humano, o da manutenção dos avanços conquistados no processo. Conseqüentemente, estou sugerindo que os dois movimentos, considerados em geral como antagônicos, na verdade são também interdependentes. Nos dois fatos históricos descritos, vemos que tanto os judeus quanto os portugueses promoveram alterações somente a partir do momento que o seu processo tendia à saturação; até então, o ego do grupo tendia ao prolongamento de um mesmo tipo de investimento libidinal.

Parece-me prudente ressaltar que, apesar desta reflexão poder sugerir uma supremacia valorativa do movimento *cultural* sobre o *civilizatório*, não é disso que se trata. A humanidade deseja estabilidade e perpetuação de suas conquistas; também deseja evitar rupturas contínuas. O processo só caminha se houver possibilidade de manutenção das produções humanas. Mesmo porque, por tratar-se da ação pulsional, esta sempre se manifestará pela busca de quebrar a continuidade que tende a

A humanidade trabalha este eterno desafio: avançar em seu desenvolvimento, preservando sua unidade produtiva.

crystalizações, sejam elas de quaisquer qualidades. Um grupo que promovesse excessivas alterações em seus códigos tradicionais poderia vir a sofrer também a influência pulsional, que neste caso visaria a quebrar a tendência continuísta e monótona das renovações permanentes. Sabemos que isto não acontece com frequência, posto que o funcionamento psíquico é regido pelo Princípio de Prazer, organizador-mor da libido, que por sua vez tende sempre à constância. Creio com isso ser possível afirmar que a

humanidade trabalha este eterno desafio: avançar em seu desenvolvimento, preservando sua unidade humana produtiva. Isto somente é possível a partir dos dois movimentos, expressados alternadamente, ao longo dos anos.

Vimos também outra alternativa aberta aos grupos humanos: tender ao excesso de contenção nos padrões conhecidos, e com isso acarretar a morte de sua identidade própria. Sabemos, no entanto, que o movimento *cultural* inclui no processo em desenvolvimento vários aspectos desse grupos, expressando, assim sua vida permanência.

Para finalizar, retomarei mais uma vez uma afirmação freudiana em "O Mal-Estar": "O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo Princípio de Prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas."⁸

A mim parece possível articular a idéia de pulsão aqui proposta com aquilo que Freud aponta como *contraste*. Neste caso, seria exatamente a ação pulsional a responsável pelo contraste necessário à obtenção de prazer. Ela estaria sujeita, no entanto, à ação egóica do indivíduo ou do grupo - narcisismo - que, dependendo da situação, mobilizaria o mecanismo da repressão a fim de domá-la. A mudança de rumo de um estado de coisas qualquer dependeria em primeira instância da presentificação da pulsão no psiquismo. Ela seria aí,

como sugere Garcia-Roza, a facilitadora do desenvolvimento e do avanço da Civilização, e até mesmo a possibilitadora de prazer no decorrer desse processo.

Notas

1. Freud, S., *O Futuro de Uma Ilusão*, in Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1981, p. 2961.
2. Nota do Editor Inglês, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, (ESB), Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 14.
3. Garcia-Roza, Luiz Alfredo, *O Mal Radical em Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p.144.
4. Freud, S., *O Mal-Estar na Civilização*, ESB, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 129.
5. Yadin, Yigael, "O Pergaminho do Templo - O Mais Longo dos Manuscritos do Mar Morto", in Hershel Shanks (org.), *Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto*, Rio de Janeiro, Imago, 1993, p. 109.
6. Monteiro, John Manuel, *Negros da Terra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 27.
7. Monteiro, John Manuel, op., cit., p. 27.
8. Freud, S., op., cit., p. 95.